



AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESCONSTRUINDO A INFLUÊNCIA PATRIARCAL E OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Alessandra Gurgel Pontes¹
Maristani Polidori Zamperetti²
Fabiana Lopes de Souza³

Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento junto ao programa de pós-graduação em Educação, a nível de Mestrado, que visa analisar as implicações do patriarcado imagético histórico e cultural, na formação de professoras de Artes Visuais e o reflexo em suas práticas educativas. O objetivo desse recorte, é apresentar algumas reflexões a respeito da produção de estereótipos de gênero na educação infantil, influenciados a partir de artefatos da Cultura Visual, e que afetam a formação das identidades de crianças na fase pré-escolar. Portanto, consideramos a possibilidade de desconstrução dessas influências a partir da educação em Artes Visuais como dinamizadora da leitura imagética a partir das práticas educativas.

Palavras-chave: Cultura visual. Gênero. Artes visuais.

Cultura Visual e o discurso por trás das imagens

O texto que será apresentado faz parte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas e ao Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPeI/CNPQ), coordenado pela coautora deste artigo. Tal pesquisa intenta analisar inserções da hegemonia patriarcal e as relações de gênero presentes na Cultura Visual, e suas implicações na formação de professoras de Artes Visuais e nas suas práticas educativas.


No que tange as perspectivas deste artigo o mesmo objetiva analisar os artefatos culturais produzidos e a influência da Cultura Visual sobre a formação de estereótipos de gênero na educação infantil. Esses artefatos culturais e sociais de que falamos fazem parte do complexo contexto dos Estudos Culturais, que abrange não só as Artes, mas outras áreas de conhecimento como sociologia, antropologia e filosofia, como campos de estudo para analisar tanto os fenômenos da produção artística como da produção visual midiática. Segundo Martins, a Cultura Visual se configura como:

¹ Mestranda em Educação, PPGE/FAE/ UFPEL – sanagurp@gmail.com

² Doutora em Educação PPGE/FaE/UFPeI, maristaniz@hotmail.com

³ Doutoranda em Educação, PPGE/FaE/UFPeI, fabiana.lopass2013@gmail.com





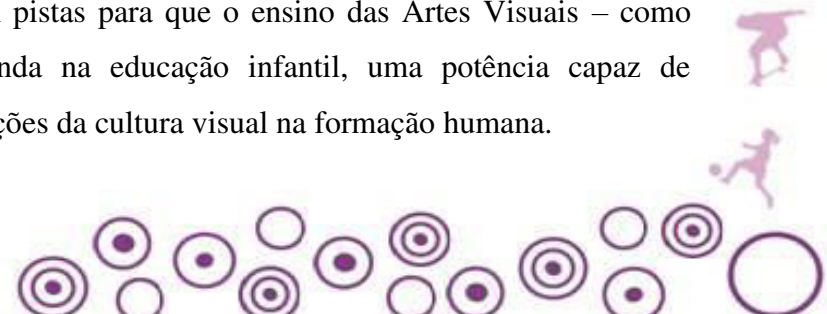
espaços e maneiras como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura. *Corpus* de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente dos Estudos Culturais, a cultura visual é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência no cotidiano (2005, p. 135).

Essa cotidianidade traz consigo uma massiva produção visual da publicidade e da mídia, que culmina por influenciar e condicionar nossas escolhas pessoais através de um discurso imagético que acaba construindo e desconstruindo nossas identidades. Conforme analisa Tourinho “o mundo visual também junta diferentes discursos – imagem e palavra por exemplo – e é construído a partir de articulações que os indivíduos percebem, produzem, participam, criticam e transformam ao viver suas experiências” (2009, p. 145). Essas relações se dão como uma trama linguística que muitas vezes está ancorado na hegemonia patriarcal presente na sociedade histórica e contemporânea, que colaboram na produção dos estereótipos de gênero ainda na infância e precisamente na educação escolar.

Por meio de imagens, bens de consumo e da publicidade esses estereótipos são construídos através de cores, formas que se associam a discursos, com a intenção de determinar o que é ideal para os meninos e meninas, conforme Arantes, “os discursos, através das imagens ou textos, podem produzir efeitos de persuasão” (2009, p. 19).

No contexto escolar, esses códigos e signos patriarcais por trás dessas representações imagéticas intencionam estipular maneiras socialmente construídas de ser menino e de ser menina – historicamente inseridas por meio da cultura visual midiática e de objetos de consumo – esses artefatos são cultivados no ambiente escolar tanto pelas crianças como pelos adultos. Conforme sinaliza Xavier Filha, “Temos que estar atentas/os a esses discursos, socialmente presentes nos mais diversos ambientes, inclusive nas instituições educativas, e que nos afetam em nossas práticas pedagógicas” (2015, p. 21).

Tais discursos são dotados de intenções para manipular a formação humana e impedir a diversidade de gênero, pois conforme acentua Tourinho “os discursos visuais também carregam a característica da não neutralidade” (2009, p. 144). Essas inquietações a respeito da relação da cultura visual midiática e a educação infantil, são pontos da pesquisa que já estão sendo analisados através da observação e da experimentação de práticas educativas em Artes Visuais. São reflexões que se baseiam em avaliar a reprodução dos estereótipos de gênero na produção artística das crianças, para que possamos pensar em formas de desconstruir essa influência. Essas observações fornecem pistas para que o ensino das Artes Visuais – como área de conhecimento – se torne, ainda na educação infantil, uma potência capaz de problematizar e refletir sobre as implicações da cultura visual na formação humana.





Os Artefatos patriarcais e a influência sobre a identidade infantil

Os artefatos culturais que estão inseridos em certas vertentes da cultura visual como a midiática e de massa, constroem e desconstroem identidades tanto em adultos como em crianças. Entretanto, é na fase pré-escolar que essa influência tem a intenção de induzir a formação de identidades através de padrões patriarcais que vão sendo subjetivados para se tornarem verdades na construção do *eu*, e impedir a diversidade de gênero e a liberdade feminina. Conforme Coelho (2010, p. 105) “a noção do *eu* se constitui mediante dispositivos sociais do discurso”.

É importante ressaltar que a busca pela diversidade de gênero está diretamente ligada aos movimentos feministas, como aponta Louro, “no Brasil, será já no final dos anos 80 que, a princípio timidamente, depois mais amplamente, feministas passarão a utilizar o termo gênero” (1997, p. 23). Esses movimentos são vistos pela sociedade conservadora como uma ameaça aos seus interesses que tenta manter a hegemonia patriarcal através de visualidades e discursos culturais, em detrimentos das mulheres e daquelas que se identificam com o gênero feminino.

Essa influência se torna materializada através de objetos de consumo que procuram moldar os indivíduos desde a infância, e que são evidenciados por artefatos ligados à imagens e objetos de consumo que pretendem instituir o que é ser menino e o que ser menina. Conforme aponta Souza e Zamperetti:


Objetos e artefatos visuais estão diretamente ligados à formação identitária de adultos, adolescentes e crianças cuja influência para a obtenção desses objetos e artefatos é estimulada diariamente através de anúncios, propagandas e outros meios de comunicação passando a fazer parte da vida das pessoas (2017, p. 143).

Essa influência acaba por definir estereótipos instituídos pela hegemonia patriarcal, que intentam estabelecer essa construção através da divisão binária entre homem e mulher em detrimento da diversidade de gênero.

Os artefatos disseminados pela sociedade conservadora, além de postular cores e padrões para meninos e meninas utilizam-se da cultura visual de massa para determinar política e socialmente o papel das mulheres e dos homens na sociedade, sempre ressaltando a relação de poder nas mãos dos homens. Observamos isso principalmente em objetos de consumo como os brinquedos infantis, que rotulam as meninas como genitoras e detentoras de habilidades domésticas, já os meninos aparecem estampando, de forma publicitária, as caixas de brinquedos estratégicos e científicos.

É um discurso imagético manipulativo que ocorre desde a infância até a fase adulta, e no que tange a educação, é uma preocupação que permeia as práticas educativas artísticas, de





todas nós professoras⁴ de Artes Visuais que objetivamos uma educação visual reflexiva e consciente. Pois é nessa fase que as crianças começam a estabelecer relações com a cultura de massa e com os bens de consumo, e são profundamente afetados pelas imagens midiáticas e estereotipadas. Conforme nos orienta Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado globalizado de estilos, lugares, imagens [...] pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas [...] de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem flutuar livremente. (1999, p. 75).

Artes Visuais e as práticas educativas feministas

Essa pesquisa, que é fruto de inquietações sobre a formação de professoras de Artes Visuais, nos fez pensar sobre como a cultura visual e os signos patriarcais da sociedade conservadora interferem nas nossas práticas educativas e na nossa própria identidade. Refletindo sobre essas interferências, precisamos considerar se nossas práticas estão sendo influenciadas e reproduzindo estereótipos que classificam meninas e meninos, sob uma construção machista e depreciativa. Assim sendo, nos cabe analisar a possibilidade de práticas educativas artísticas num viés feminista, que proporcionem a desconstrução de estereótipos de gênero na educação infantil através da produção artística e da leitura de imagens e dos artefatos culturais. Conforme afirma Louro:

As formulações pedagógicas construídas na ótica feminista apóiam-se no reconhecimento das desigualdades vividas por meninas e mulheres em relação aos meninos e homens, no interior das instituições escolares [...] estudiosas feministas procuraram produzir um paradigma educacional que se contrapõe aos paradigmas vigentes (1997, p. 112).


Pelas palavras de Louro, acreditamos que o ensino das Artes Visuais, mediado por professoras comprometidas com a perspectiva feminista e em prol da diversidade de gênero – possa auxiliar seus alunos na reflexão e na atribuição de novos sentidos para compreender a Cultura Visual e os artefatos visuais presentes em seus cotidianos.

Portanto, acreditamos que essas reflexões sobre as práticas educativas artísticas, se tornam um instrumento para diminuir as desigualdades de gênero e os preconceitos que envolvem também as questões de classe, raça e etnia. Para Louro, a pedagogia feminista pode ser:

Pensada como um novo modelo pedagógico construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, assim, a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que

⁴ A designação de professoras de Artes Visuais, é utilizado neste texto pois são elas que caracterizam a pesquisa de mestrado da autora principal.





devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais (1997, 113).

Refletindo sobre o ensino das Artes Visuais na educação infantil contemporânea – na perspectiva feminista, que objetiva o posicionamento multicultural – é preciso buscar formas de ensinar que não reproduzam os padrões conservadores que continuam a reprimir o gênero feminino e a fortalecer o masculino. Pois como foi dito anteriormente o recorte aqui apresentado, pretende analisar a importância da reflexão sobre a Cultura Visual e os artefatos culturais que estão presentes na Educação Infantil e na formação identitária de crianças em fase pré-escolar.

Portanto nossa preocupação é proporcionar o ensino de arte que ajude as crianças a pensarem, e possivelmente, se desvinculem dessas influências culturais e imagéticas nas suas narrativas, para que juntos possamos analisar os signos e códigos introduzidos cotidianamente.

Pelo fato desta pesquisa ainda estar em andamento, algumas reflexões a respeito das práticas educativas em Artes Visuais na perspectiva de uma potência reflexiva sobre a cultura visual, ainda precisam ser apuradas e conceituadas. No entanto, como metodologia preliminar, alguns apontamentos pertinentes à pesquisa são frutos da observação e da prática exercida na Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blanck, durante o estágio curricular do curso de Artes Visuais – Licenciatura em 2017 e das reflexões posteriores entre as autoras do texto.

Consideramos, portanto, que o Ensino das Artes Visuais é uma área de conhecimento que torna possível a formulação de novas metodologias capazes de compreender e refletir sobre a Cultura Visual, as influências midiáticas, e as implicações desses fenômenos na nossa formação identitária e humana.

Referências

ARANTES, Kelly Christina Mendes. Ocupando o lugar do “outro”: Cultura Visual e experiência docente. In: OLIVEIRA, Marilda De Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: editora UFSM, 2005.

COELHO, Roseane Martins. O Sujeito e a construção da identidade: Implicações na Infância, na educação e na Arte. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.





LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda De Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: editora UFSM, 2005.

SOUZA, Fabiana Lopes de; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Visualidades, arte e gênero – um estudo a partir de artistas mulheres. In: **I Seminario Internacional de Investigación En Arte y Cultura Visual**. Dispositivos y artefactos / narrativas y mediaciones. Montevideo, 2017. Disponível em: <<http://seminarioculturavisual.enba.edu.uy/index-pr.html#anales>>. Acesso em: 19 maio 2018.

TOURINHO, Irene. Educação Estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene. **Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade e identidade de gênero na infância. **Revista Diversidade e Educação**, v. 3, n. 6, p. 14-21, jul./dez. 2015.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

